

CARAMBAIA

- | | | | |
|--|--|------------------------------------|----------------------------------|
| 1. DO TÍTULO 9 | 25. NO PASSEIO PÚBLICO 66 | 44. O PRIMEIRO FILHO 118 | 64. UMA IDEIA E UM ESCRÚPULO 164 |
| 2. DO LIVRO 10 | 26. AS LEIS SÃO BELAS 71 | 45. ABANE A CABEÇA, LEITOR 122 | 65. A DISSIMULAÇÃO 165 |
| 3. A DENÚNCIA 14 | 27. AO PORTÃO 73 | 46. AS PAZES 123 | 66. INTIMIDADE 169 |
| 4. UM DEVER AMARÍSSIMO! 17 | 28. NA RUA 73 | 47. “A SENHORA SAIU” 124 | 67. UM PECADO 171 |
| 5. O AGREGADO 18 | 29. O IMPERADOR 74 | 48. JURAMENTO DO POÇO 126 | 68. ADIEMOS A VIRTUDE 175 |
| 6. TIO COSME 21 | 30. O SANTÍSSIMO 76 | 49. UMA VELA AOS SÁBADOS 128 | 69. A MISSA 177 |
| 7. D. GLÓRIA 23 | 31. AS CURIOSIDADES DE CAPITU 81 | 50. UM MEIO-TERMO 128 | 70. DEPOIS DA MISSA 178 |
| 8. É TEMPO 26 | 32. OLHOS DE RESSACA 85 | 51. ENTRE LUZ E FUSCO 131 | 71. VISITA DE ESCOBAR 180 |
| 9. A ÓPERA 26 | 33. O PENTEADO 88 | 52. O VELHO PÁDUA 132 | 72. UMA REFORMA DRAMÁTICA 183 |
| 10. ACEITO A TEORIA 31 | 34. SOU HOMEM! 91 | 53. A CAMINHO! 134 | 73. O CONTRARREGRA 184 |
| 11. A PROMESSA 31 | 35. O PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO 94 | 54. PANEGÍRICO DE SANTA MÔNICA 136 | 74. A PRESILHA 186 |
| 12. NA VARANDA 34 | 36. IDEIA SEM PERNAS E IDEIA SEM BRAÇOS 98 | 55. UM SONETO 140 | 75. O DESESPERO 188 |
| 13. CAPITU 37 | 37. A ALMA É CHEIA DE MISTÉRIOS 100 | 56. UM SEMINARISTA 144 | 76. EXPLICAÇÃO 189 |
| 14. A INSCRIÇÃO 41 | 38. QUE SUSTO, MEU DEUS! 103 | 57. DE PREPARAÇÃO 147 | 77. PRAZER DAS DORES VELHAS 190 |
| 15. OUTRA VOZ REPENTINA 42 | 39. A VOCAÇÃO 104 | 58. O TRATADO 148 | 78. SEGREDO POR SEGREDO 191 |
| 16. O ADMINISTRADOR INTERINO 45 | 40. UMA ÉGUA 108 | 59. CONVIVAS DE BOA MEMÓRIA 151 | 79. VAMOS AO CAPÍTULO 195 |
| 17. OS VERMES 49 | 41. A AUDIÊNCIA SECRETA 109 | 60. QUERIDO OPÚSCULO 153 | 80. VENHAMOS AO CAPÍTULO 196 |
| 18. UM PLANO 49 | 42. CAPITU REFLETINDO 114 | 61. A VACA DE HOMERO 154 | 81. UMA PALAVRA 200 |
| 19. SEM FALTA 57 | 43. VOCÊ TEM MEDO? 116 | 62. UMA PONTA DE IAGO 159 | 82. O CANAPÉ 202 |
| 20. MIL PADRE-NOSSOS E MIL AVE-MARIAS 58 | | 63. METADES DE UM SONHO 162 | 83. O RETRATO 203 |
| 21. PRIMA JUSTINA 60 | | | 84. CHAMADO 204 |
| 22. SENSACIONES ALHEIAS 63 | | | 85. O DEFUNTO 206 |
| 23. PRAZO DADO 64 | | | |
| 24. DE MÃE E DE SERVO 65 | | | |

86. AMAI, RAPAZES! 208
87. A SEGE 209
88. UM PRETEXTO
HONESTO 211
89. A RECUSA 212
90. A POLÊMICA 213
91. ACHADO QUE
CONSOLA 217
92. O DIABO NÃO É
TÃO FEIO COMO SE
PINTA 218
93. UM AMIGO POR UM
DEFUNTO 219
94. IDEIAS
ARITMÉTICAS 223
95. O PAPA 226
96. UM SUBSTITUTO 229
97. A SAÍDA 232
98. CINCO ANOS 234
99. O FILHO É A CARA
DO PAI 235
100. “TU SERÁS FELIZ,
BENTINHO” 237
101. NO CÉU 240
102. DE CASADA 242
103. A FELICIDADE TEM
BOA ALMA 244
104. AS PIRÂMIDES 244
105. OS BRAÇOS 246
106. DEZ LIBRAS
ESTERLINAS 248
107. CIÚMES DO MAR 251
108. UM FILHO 253
109. UM FILHO ÚNICO 257
110. RASGOS DA
INFÂNCIA 257
111. CONTADO
DEPRESSA 262
112. AS IMITAÇÕES DE
EZEQUIEL 263
113. EMBARGOS DE
TERCEIRO 265
114. EM QUE SE EXPLICA O
EXPLICADO 267
115. DÚVIDAS SOBRE
DÚVIDAS 268
116. FILHO DO HOMEM 271
117. AMIGOS
PRÓXIMOS 273
118. A MÃO DE
SANCHA 276
119. NÃO FAÇA ISSO,
QUERIDA! 281
120. OS AUTOS 281
121. A CATÁSTROFE 282
122. O ENTERRO 283
123. OLHOS DE
RESSACA 284
124. O DISCURSO 285
125. UMA
COMPARAÇÃO 287
126. CISMANDO 288
127. O BARBEIRO 289
128. PUNHADO DE
SUCESSOS 291
129. A D. SANCHA 293
130. UM DIA... 294
131. ANTERIOR AO
ANTERIOR 295
132. O DEBUXO E O
COLORIDO 297
133. UMA IDEIA 301
134. O DIA DE SÁBADO 301
135. OTELO 302
136. A XÍCARA DE
CAFÉ 305
137. SEGUNDO
IMPULSO 307
138. CAPITU QUE
ENTRA 308
139. A FOTOGRAFIA 311
140. VOLTA DA IGREJA 311
141. A SOLUÇÃO 313
142. UMA SANTA 314
143. O ÚLTIMO
SUPERLATIVO 316
144. UMA PERGUNTA
TARDIA 318
145. O REGRESSO 319
146. NÃO HOUE
LEPRA 323
147. A EXPOSIÇÃO
RETROSPECTIVA 324
148. E BEM, E O
RESTO? 325
- POSFÁCIO 327
Hélio Guimarães

1. DO TÍTULO

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

— Continue, disse eu acordando.

— Já acabei, murmurou ele.

— São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você”. — “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns

quinze dias comigo.” — “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consulte dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

2. DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei

na antiga Rua de Mata-Cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Mata-Cavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se

mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e po-

lítica acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras?...*

Fiquei tão alegre com esta ideia que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.